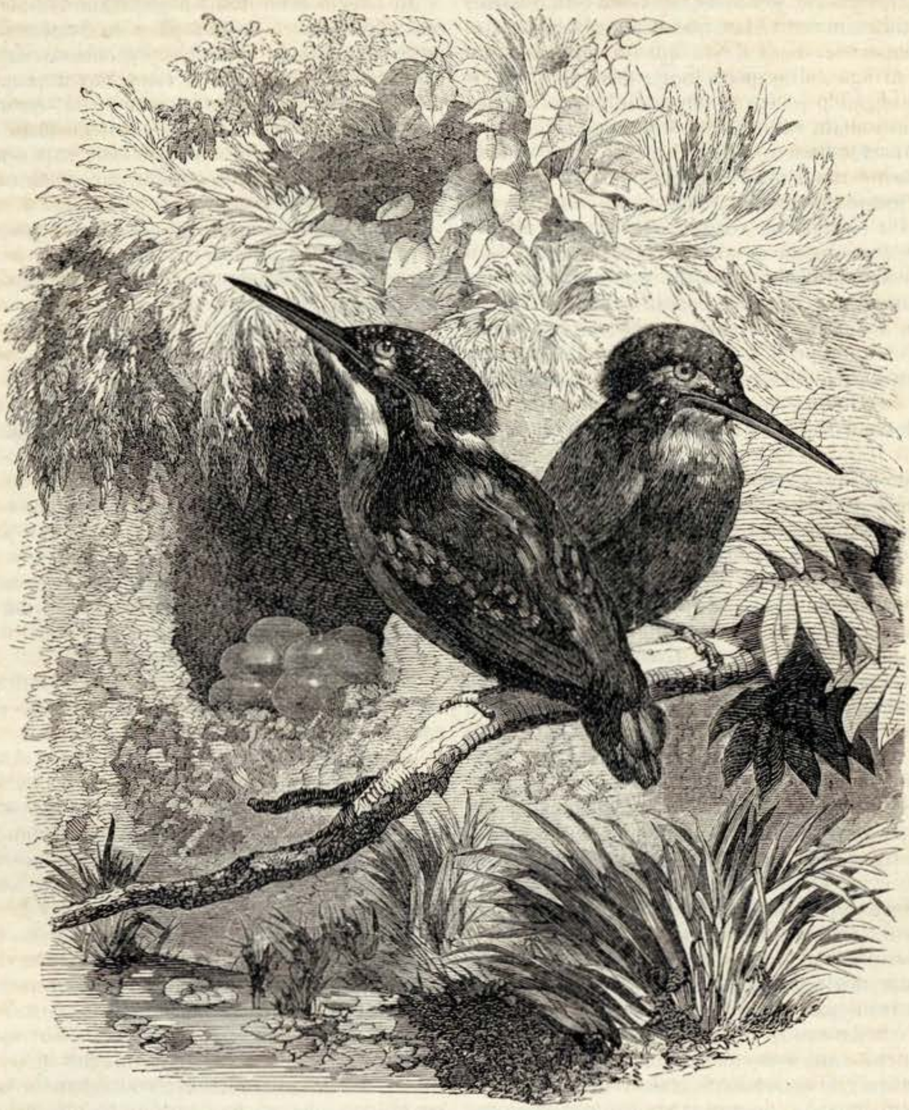


Guarda-rios ou pica-peixes

Esta ave é classificada pelos naturalistas no genero *alcedo*, pertencente á divisão dos passaros syndactylos. A sciencia denomina-a, pois, *alcedo ispissa*. Compõe-se aquelle genero de varias especies, oriundas de differentes regiões do globo. Aquella de que nos vamos occupar é natural da Europa, onde vive em todos os seus paizes, sendo apenas rara nos boreaes. Esta especie, unica na Europa, tambem habita na Africa e na Asia.

As suas fórmas são desengraçadas e até mal proporcionadas. A cabeça é muito grande e achatada; o bico grosso e comprido; o corpo volumoso e curto, e com tão pequena cauda, que parece desprovido d'esse lindo ornamento dos habitantes do ar. Tem as azas pequenas, as pernas curtissimas e os dedos dos pés desproporcionadamente grandes. Porém a natureza compensou-a tão liberalmente d'esta falta de elegancia com a formosura, viveza e brilho das côres da plumagem, que os olhos do observador, antes que attentem no desagradavel das fórmas, ficam enlevados e captivos da graça e belleza dos matizes, admiravel e resplandecente mosaico de saphiras, esmeraldas e topazios. Diz Buffon que a sua plumagem tem as côres do arco-iris, o lustre da seda e o brilho do esmalte.

As costas e a parte superior da cauda são tintas de um azul celeste tão brilhante, que aos raios do sol parecem scintillar como o cristal. Nas azas casa-se o azul com o verde, dominando esta ultima côr na extremidade d'ellas. A cabeça e o pescoço, na parte superior, são semeados de pontinhos de um lindo azul claro, que brilham sobre um fundo mais escuro, como se este fôra marchetado de saphiras ou turquezas. Por baixo do bico guarnecem-lhe a garganta brancas pennas, cuja alvura se vae depois misturando com outras levemente arruivadas, que logo passam a tomar a côr da canella, aclarando até fazer-se quasi branca no ventre. Em ambos os lados da cabeça, entre os olhos e o bico, tem uma mancha tambem arruivada; e partindo do lado opposto dos olhos, duas listas, uma da mesma côr e a outra mais esbranquiçada. Os olhos são negros, o bico quasi preto e os pés avermelhados. Como succede quasi sempre ás aves de plumagem formosa, por effeito de uma sábia lei natural de compensações, não canta; apenas de vez em quando

sólta um grito agudo, desagradavel e sinistro como o do mocho.

O pica-peixe vive solitario nas margens dos rios e das lagoas. É raro ver juntas duas aves d'esta especie, a não ser na primavera, em que o amor lhes faz desejar a companhia. Fóra d'esta quadra, qual amante desditoso, divaga solitario ao longo dos rios e ribeiros, ora baloiçando-se em tenue raminho sobranceiro ás aguas que saltam ruidosas por cima dos açudes, ou correm mansamente em leito de areias; ora voando rapidamente de ramo em ramo. Mas não se contenta com o murmurio dos arroios, nem com o sussurro das cascatas. Ou poisado ou voando, está sempre attento a espreitar a passagem de algum peixinho. Quando o descobre, cae sobre elle como um raio despedido das nuvens, mergulha, colhe-o e engole-o n'um relancear d'olhos. Se lhe escasseia este manjar da sua predilecção, n'esses proprios logares em que lhe apraz a vida encontra novo alimento. Offerecem-lh'o abundantemente as libellulas e tantos outros insectos, que adejam sem descanço sobre as aguas correntes ou pantanosas.

Dotado de um caracter selvagem e desconfiado, foge do homem apenas presente que se lhe aproxima. Apesar da pequenez das suas azas, em relação ao tamanho e peso do corpo, poucas aves das suas dimensões as movem com tanta agilidade e força. Quando levanta o vôo segue quasi sempre o curso dos ribeiros, parecendo tocar em sua rapida carreira na superficie da corrente ou do solo. O vôo é o unico meio de que se serve para os seus movimentos, pois que não salta, nem gosta de andar, como as outras aves. Tem o dom da paciencia mais que nenhuma outra, porquanto é capaz de estar horas esquecidas sobre um ramo, ou em cima de uma pedra, á espera que passe algum peixe. Como prefere, para melhor poder espreitar as suas prezas e mais promptamente despedir o vôo, os troncos sêccos, desprovidos de folhas, na Allemanha, e até em França, existe entre os camponezes o preconceito de que o guarda-rios faz seccar os ramos em que costuma poisar.

Esta avesinha, tão linda e mimosa nas côres, é de uma singular negligencia na construcção de seus ninhos. Aproveita para esse fim qualquer buraco que encontra com bastante capacidade, ou seja em um vallado, ou no tronco de um annoso salgueiro; e lá põe no fundo d'elle os seus seis a nove ovos sem mais preparo, sem musgos, ou pennas, ou outra qualquer macia cama em que os filhinhos repoisem.

Se se consultarem os escriptores da antiguidade, entre mil fabulas a que esta ave deu origem, figura a da maravilhosa estructura dos seus ninhos. Aristoteles diz que é do feitio de um chavelho, e de côr vermelha. Plinio affirma que é redondo como uma bola, com uma entrada estreita e resaltando para fóra, e tão duro que não ha espada ou machado que possa cortal-o, em quanto que com um simples murro rebenta e se parte como a espuma do mar. Segundo Plutarcho, este ninho é formado de espinhas de peixe, entrelaçadas e tecidas com raizes e fibras vegetaes. Accrescenta que depois de acabado fica perfeitamente redondo, e que então o seu prudente architecto o leva no bico, e o vae depositar nas praias do mar, a fim de que as ondas, banhando-o, indiquem os logares permeaveis que é mister reparar. Se está tão compacto, que a agua não póde penetrar no interior, serve este banho salgado para o consolidar e endurecer, de sorte que não entra com elle o ferro nem o aço. Quanto ao interior, continúa o mesmo auctor, está tão habilmente disposto, que só o architecto que o construiu póde n'elle entrar.

O guarda-rios é a ave conhecida, descripta e cantada pelos poetas da antiguidade com o nome de *alcyon*. As suppostas navegações do alcyon dentro do seu ninho maravilhoso, embalado e levado pelas ondas, inspiraram lindos versos aos poetas gregos e romanos.

Na Grecia e na Roma pagã, como tambem em muitos outros paizes da Europa e da Asia, arraigaram-se no povo os mais absurdos preconceitos ácerca d'esta ave. Attribuiram ao seu esqueleto a propriedade de preservar da traça os pannos de lã, de afugentar o raio, de acalmar as tempestades, de fazer abundante a pesca, de fortificar ou introduzir a paz no seio das familias, em fim, de communicar graça e formosura a quem o trouxer comsigo.

Os guarda-rios abundam em todo o nosso paiz. Não ha rio, ribeira ou lagoa, onde deixem de se encontrar. São, juntamente com o milharoz [1], as aves de mais linda plumagem de Portugal.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ABENÇOADOS SEJAM OS QUE PERDOAM

(Vid. pag. 195)

Uns rapazes estavam jogando as nozes. Como sabiam que Miguel fôra sempre tão afoito jogador que não deixava o jogo em quanto não ficava sem nozes ou collocava n'esta situação os rivaes, e como julgassem que o melhor remedio contra a tristeza é a diversão, disseram-lhe:

— Miguel, anda jogar um pouco.

— Joguem, joguem, que vv. são crianças, respondeu Miguel gravemente, desapparecendo em seguida com sua mãe pela porta da egreja.

Pouco depois deram o ultimo toque, e todos os visinhos entraram para a missa.

A aldeia parecia deserta, porque apenas chegariam a uma duzia as pessoas que ao romper do sol tinham ido á primeira missa na aldeia proxima, e essas, que eram todas mulheres, estavam em casa cuidando do jantar.

Não deviam ficar em descanço umas vaccas que pouco antes pasciam em uma serra immediata, pois, assim que a gente entrou na missa, pensaram que era tambem chegada a sua hora, e, como quem não quer a coisa, desceram até á geira do regato, e entrando n'ella pela sebe de Domingos, que com effeito estava aberta, como dissera o sr. alcaide, lançaram-se ao milho, uma na herdade de Aranha e outra na de Cascarrabias.

As vaccas eram de Domingos, que as havia recebido a meias de um visinho mais abastado, e portanto deveriam ter dito ao entrar na geira: — Vamos, porque, como nosso dono tem aberta esta sebe, é para que entremos por ella; e se tem que pagar o milho que comâmos, tambem criaremos melhor carne, e quando nos levar á feira de S. Miguel de Zalla de certo que lhe valeremos cada uma mais uns tantos cobres. Como diz a cantiga:

«Matei em Sevilha um homem,
Perdi além um costal:
Ora um compensa o outro,
Pois a nenhum fiz eu mal.

Haverá quem não creia que assim pensassem as vaccas de Domingos, mas não haverá de certo quem prove que esta não é a logica dos animaes.

O sol ia aquecendo perfeitamente, quando as vaccas se arremessaram a correr para a aldeia, não por onde tinham entrado na geira, mas atalhando por esta e estropeando com os pés tanto milho como haviam estropeado com os dentes.

[1] Vid. a pag. 341 do vol. VIII a gravura e artigo a respeito d'este passaro.

As vaccas de Domingos foram sair da herdade pela sebe defronte da egreja, que saltaram de um salto, precisamente... parece que o demonio as tece! no momento em que a gente saia da missa.

Verem Cascarrabias e Aranha as vaccas sair das herdades rebentando de cheias, e figurarem-se que tinham tirado o ventre de miseria á custa do milho de suas geiras, tudo foi a mesma coisa.

Tirando-se de cuidados, e lançando os bofes pela boca, ambos correram para ver se o que se lhes figurava era certo, em quanto o pobre Domingos estava que o podiam afogar com um cabello, e o sr. alcaide dissertava ácerca de quanto era prejudicial para todos a indulgencia das auctoridades.

Se Aranha e Cascarrabias tinham ido desesperados ás herdades, mais desesperados voltaram, porque Domingos nem vendido valia para pagar o milho que as suas vaccas haviam comido e destruido.

— Nem com mil reales, diziam, nos paga Domingos o damno que nos fizeram as suas vaccas. Justiça, sr. alcaide, justiça!

— Sabeis, respondeu o alcaide, qual era a sentença que devia agora proferir? Devia ser esta: Domingos, já que assim o quizeste, assim o tenhas; porém a minha opinião particular não póde prevalecer, e a da justiça é que elle pague inteiramente o damno que fizeram as suas vaccas.

— Mas, sr. alcaide, replicou Domingos aterrado, se eu sou um pobre que não tenho sequer onde cáia morto.

— Penhorar-te-hemos até a camisa.

— Ainda que me penhorem a mim, a mulher e os filhos, e quanto haja em casa, vendido não chegará para pagar a metade do damno que dizem fizeram as minhas vaccas.

— Perdendo é que esses aprenderão a não apresentar o peito por quem não devem.

— Pobre de mim! exclamou Domingos lançando-se a chorar como se o ceo lhe caisse em cima, que vae a ser de mim com esta desgraça que me succede! Por que haveria Deus chamado a si Ignacio, que sempre me tirava de taes apuros!... Se vivesse Ignacio!

— Ignacio vive ainda para os pobres! disse Miguel, que do portico da egreja se inteirava do que se ia passando: e, aproximando-se de Domingos, accrescentou:

— Diga ao senhor alcaide que nomeie peritos para que avaliem o damno que fizeram as vaccas, e vá a minha casa buscar o dinheiro que exijam, porque, se podér alguma vez devolvel-o, devolvel-o-ha, e se não podér, a sua desgraça será então muito grande.

Apesar da seriedade com que Miguel fallára, todos os presentes e o proprio Domingos ficaram attonitos, sem saber se haviam tomar pelo serio ou pelo burlesco as palavras do mancebo: porém a sua dúvida não durou muito, pois que Catalina, lançando-se feita em mar de lagrimas de ternura e alegria a apertar nos braços o filho querido, exclamou:

— Filho das minhas entranhas, que assim segues o exemplo de teu pae, abençoado sejas!

E, dirigindo-se a Domingos, accrescentou:

— Não, não morreu Ignacio, que ainda vive em seu filho. O offerecimento que Miguel te fez, faze conta que o recebeste de Ignacio, e não duvides que Miguel e Catalina desejam que o acceites.

Domingos não chorava já de receio, mas chorava de alegria e reconhecimento.

Aranha e Cascarrabias contemplavam aquella scena em silencio.

— Co'a breca! exclamou de repente Cascarrabias humedecendo-se-lhe os olhos; em generosidade não ha de levar-me a dianteira uma criança como Miguel. Eu perdôo a Domingos o milho que as suas vaccas me destruiram.

— Pois eu tambem, disse ao mesmo tempo Aranha, não menos commovido que Cascarrabias; pelo que respeita a generosidade não consinto que me ponham o pé adiante, Miguel, nem tu, nem algum dos nascidos. Eu egualmente perdôo a Domingos o milho que as suas vaccas destruiram nas minhas geiras.

IV

O sol começava a occultar-se atraz dos picos que dominam S. João de Sommorostro.

Era a vespera de Santo Antonio, e notava-se extraordinaria animação na aldeia, á qual chegavam continuamente forasteiros.

Devemos fazer menção especial de um gentil mancebo que, montado em um cavallo negro e sem outro acompanhamento que o da sua espingarda, pendente do arção da sella, chegou e foi hospedar-se em casa do alcaide.

Os sinos repicavam alegremente, e o tamboril resoava com alegria não menor no terreiro da egreja.

Tamboril e sinos annunciavam a festa que no dia seguinte se ia celebrar na aldeia.

Muitas aldeãs vinham de Bilbáo ou Portugalete, trazendo á cabeça cestos repletos de provisões de boca.

As casas da aldeia estavam muito aceiadas e ornadas, e rara seria aquella onde se não houvesse sacrificado algum cordeiro.

O matadoiro da aldeia, onde só aos sabbados se mata uma vacca, presenciára n'aquelle dia o sacrificio de dois bois cevados e dos melhores que engordam para morrer nas ferteis planicies de Durango.

Diversas casas ostentavam sobre a porta o ramo de loiro acabado de cortar, indicando o preparo para a venda de uma nova pipa de bom vinho.

E uma récua de seis machos, procedente de Rioja, acabava de deixar uma duzia de odres de vinho palhete na taberna da aldeia, que ordinariamente não recebia para o seu sortimento acima de um par de odres.

Algumas das mais afamadas tecedeiras bilbainas expunham os seus tecidos de ramagem no terreiro da egreja.

E, finalmente, ainda que desentoemos o prazenteiro quadro que vamos esboçando, accrescentaremos que multidão de coxos, mancos, cegos e entrevados iam chegando á aldeia, com a esperança de fazer no dia seguinte boa colheita, implorando a caridade publica nas immediações da romaria.

No meio da felicidade e alegria que se respira nas romarias vasconças, contrista a alma o espectaculo que offerecem centenares de mendigos, cujos clamores formam estranho contraste com o jubiloso repique dos sinos, os accordes do tamboril e os gritos de alegria dos romeiros.

Não ha leis n'esta terra, tão prudentemente legislada, que proscrevam tão triste e commovente espectaculo? Ha essas leis, sim; porém a caridade tão enraizada está no coração d'estes nobres montanhezes, que todas as leis dos homens são impotentes para lhes impedir que amparem o pobre que chega á sua porta pedindo pão ou hospitalidade. Dizei-lhes: «Cumpris as leis do paiz repellindo os mendigos»; e responder-vos-hão: «mas tambem cumprimos as leis de Deus protegendo-os».

Na aldeia onde escrevo isto, composta de trezentos fogos, só ha duas ou tres pessoas, e essas anciãs e sem familia nem parentes, que vivem da caridade publica. Apesar d'isso, todos os dias vejo andar de porta em porta mendigos procedentes de Castella, ou das montanhas de Santander, ou das Asturias. E o alcaide, que é obrigado a não permittir a mendicidade senão a dos pobres da sua jurisdicção, é o primeiro que dá poisada no seu lar e offerece pão da sua mesa ao mendigo forasteiro, porque diz, discorrendo com

uma logica que os corações honrados não podem reprovar: «Como posso levantar a vara da justiça sobre o pobre ancião que vem á minha porta pedir esmola em nome de Deus e de meus paes, que me contemplam do ceo?»

Amanheceu, a final, o dia de Santo Antonio, e a alegria, o bulicio, o movimento e a vida subiram de ponto na aldeia, tão tranquilla e solitaria nos demais dias do anno.

Ao entremostrar-se o alvorecer do dia, já de todos os lares subia em espiraes o fumo, formando uma branca nuvemsinha, que envolvia vaga e mysteriosamente a aldeia e os campos circumvisinhos.

Pelas herdades e pelos bosques proximos se dirigia á aldeia multidão de forasteiros, e o tamboril annunciava a alvorada á porta do alcaide, do senhor cura e do Morgado, em quanto repicavam alegremente os sinos.

Catalina e seus filhos tinham-se levantado antes que as avesinhas houvessem principiado a cantar na ramagem do nogueiral.

Soledade ajudava sua mãe na lida domestica, que n'aquelle dia era extraordinaria.

Soledade era já uma rapariga de dezeseis annos, cuja graça e cuja formosura eram o encanto de sua mãe e dos rapazes da aldeia.

Quando soou o primeiro toque da primeira missa, que tambem extraordinariamente se celebrava n'aquelle dia, graças á demora na aldeia de um prégador que fôra de Bilbáo, Soledade, com o auxilio de sua mãe, realçou os naturaes encantos com o vestido mais lindo, e pouco depois encaminhou-se para a egreja roubando os corações dos mancebos que esperavam á porta da egreja o terceiro e ultimo toque para entrar.

O gentil moço que dissemos ter chegado no dia anterior á aldeia, cavalgando um cavallo negro e sem outra companhia além da espingarda, estava já no adro da egreja, e assim que viu Soledade adiantou-se para offerecer a esta a agua benta, que a joven acceitou, tomando as suas trigueiras faces a côr da rosa, e brilhando de alegria os seus negros e rasgados olhos.

Algumas horas depois Catalina e seus filhos, como a maior parte dos moradores da aldeia, ouviam a missa do dia, e Soledade cuidava da casa.

O joven do cavallinho negro passeiava diante da casa do Morgado, na occasião em que Soledade chegava á janella, e aproximou-se para saudar a joven apenas a viu.

— Deixaram-n'a só?

— Só, porque minha mãe e meus irmãos estão na missa.

— Vae esta tarde á romaria?

— Não sei se a mamã quererá.

— Muito sentiria que não fosse.

— Agradeço-lhe o desejo.

— Não m'o agradeça, pois que este desejo é interesseiro.

— Não comprehendo por que razão.

— Porque se a menina não se divertir, eu tambem não poderei divertir-me.

— Por quê?

— Porque não irei á romaria se não for.

— Os homens gostam muito de zombar!

— Eu, porém, não estou zombando.

Chegavam a este ponto do seu dialogo Soledade e o forasteiro, quando começaram a sair da missa as pessoas que a ella tinham assistido, e o forasteiro apressou-se em dizer:

— Se vae á romaria, terei a felicidade de dançar com a menina?

— A felicidade será para mim, respondeu Soledade com inteira singeleza, retirando-se da janella.

Em casa do Morgado jantaram muitos forasteiros. O jantar ia terminando, e a alegria illuminava todos os rostos, posto que o de Catalina e de seus filhos se anuviava frequentemente ao lembrarem-se de que em outro tempo, em tal dia, occupava o que dormia o somno eterno no cemiterio, que se descobria da casa do jantar, o logar que então occupava Miguel.

Como entre os que rodeavam a mesa não faltava quem visse o forasteiro offerecer agua benta a Soledade, esta era objecto de innocentes zombarias, as quaes, apesar de innocentes, não deixavam de fazel-a baixar os olhos confusa e envergonhada.

— Quem é esse forasteiro? perguntou um bilbaino, irmão do defuncto Ignacio, que se achava entre os convidados.

— Não sei, respondeu Miguel. Está em casa do senhor alcaide, e chamam-lhe D. João.

— Pergunto-o, accrescentou o bilbaino, porque me parece tel-o visto algumas vezes em Bilbáo com uma senhora.

— Moça? perguntou Soledade.

— Moça e elegante, respondeu seu tio; e a conversação mudou de assumpto, depois de se formarem alguns commentarios maliciosos, porém benevolos e inoffensivos, ácerca da pergunta de Soledade.

E esta foi-se mostrando cada vez mais mysteriosa e triste.

(Continúa)

ILHA DO PRINCIPE

Pelos fins do anno de 1470, indo os navegadores portuguezes João de Santarem e Pedro Escobar ao descobrimento da costa occidental da Africa para além do cabo de Palmas, encontraram a ilha de S. Thomé, e logo no 1.° de janeiro do anno seguinte, tendo descoberto a ilha de Anno-Bom, que hoje pertence aos hespanhoes, quando d'ahi voltaram para a Costa da Mina avistaram a ilha que hoje chamâmos do Principe, e a que pozeram então o nome de Santo Antonio, por ser descoberta em 17 de janeiro, dia de Santo Antonio Abbade.

Foi n'essa viagem que se encontrou o resgate do oiro da Mina, e por isso todas as attenções do reinado de D. Affonso v se voltaram para este ultimo descobrimento, e não mais se estimaram as ilhas do golphão da Guiné, de maneira que estiveram despovoadas até 1486, em que foram para S. Thomé os primeiros colonos com João de Paiva.

Com quanto a historia da ilha do Principe esteja intimamente ligada com a de S. Thomé, não é meu proposito fallar d'esta ultima, porque pouco tempo alli residi, e esse mesmo resumo historico apresentado aqui em referencia á ilha do Principe, devo declaral-o, é extrahido quasi fielmente dos *Ensaios estatisticos* do sr. Lopes de Lima, obra que não é, por certo, isenta de falsas apreciações, mas que eu considero valiosissima pela sua riqueza de documentos officiaes e de citações de auctores competentes.

Foi a ilha do Principe povoada pelo anno de 1500, em que o fidalgo Antonio Carneiro, senhor de Vimeiro, obteve del-rei D. Manuel a doação da capitania d'ella de juro e herdade, e a sua alcaidaria-mór com jurisdicção civel e crime.

Esta familia Carneiro recebeu mais tarde, em 1640, o titulo de condes da ilha do Principe, o qual titulo conservou até 1753, em que, por compensação, receberam o de condes de Lumiares, e voltou a ilha a ser apanagio da coroa, como d'antes era, porque o denominar-se ilha do Principe foi devido a pertencer ao filho mais velho do rei o tributo dos assucares alli fabricados.

N'esse mesmo anno de 1640 foi aos moradores da ilha outorgado um foral em que se lhes concedeu varias vantagens e liberdades, e a isenção de direitos

de saída das mercadorias que levassem de Portugal, e a de pagarem dizimo ou portagem dos generos que trouxessem de Lisboa.

Ao capitão povoador da ilha do Principe fôra outorgada toda a jurisdicção civel e criminal até morte natural, inclusivè, tendo a obrigação de julgar os feitos com dois ouvidores. A elle pertencia prover os logares de fazenda e justiça. Esta familia Carneiro teve a propriedade hereditaria da ilha até ao meiado do seculo XVIII.

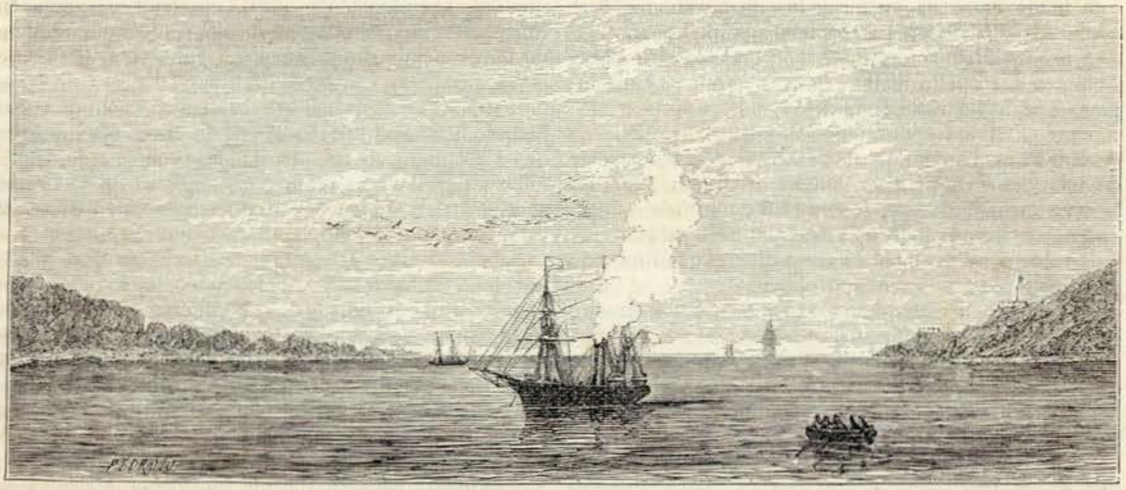
Em 1586 houve o primeiro governo das ilhas de S. Thomé e Principe, mas, com quanto os governadores gozassem do titulo e honras de capitães generaes e de governadores das ilhas, a sua auctoridade foi mui restricta na ilha do Principe, principalmente desde 1640 até 1753, tempo em que esta ilha esteve erigida em condado, pelos privilegios de que gozavam os condes donatarios.

Depois de 1753, em que foi encorporada aos proprios da coroa, passou para ella a capital da provincia, ou antes da capitania, e ficou sendo a séde do governo. Ainda depois da legislação de 1836 a 1838, que no ultramar substituiu a legislação antiga, ficou sendo a séde do governo no Principe, e S. Thomé governada por um governador subalterno. E assim esteve até 1843.

A parte septentrional da ilha foi logo em 1500 arroteada e povoada por escravos resgatados na costa visinha, e em pouco tempo se desenvolveu a cultura da canna sacharina e o fabrico do assucar, de cujos engenhos se tirava para o principe real o tributo de que mais acima fallei.

D'esses engenhos, nem do logar em que elles eram assentes, resta o menor vestigio.

Até ao meiado do seculo XVII foi considerada quasi sómente como um morgado particular, porque ainda em 1640, que passou de senhorio a condado na mesma familia dos Carneiros, eram elles as justiças da terra, sendo até os capitães-móres nomeados sob suas propostas.



Ponta do Capitão — Ponta da Mina

O porto de Santo Antonio da ilha do Principe

No reinado de D. Pedro II tinha sido a ilha do Principe escolhida para deposito dos escravos que se resgatavam na Costa da Mina e Gabão, com o fim de fornecer as colonias hespanholas e as west-indias, e por isso no anno de 1694 se construiu a alfandega e a fortaleza da Ponta da Mina, e para guarnecel-a se mandou de Portugal uma companhia de infanteria.

Em 1706 soffreu a povoação consideraveis perdas com a invasão de uma esquadra franceza, que desembarcou as suas tropas na praia Salgada, tomou a fortaleza e os navios surtos no porto, saqueou quanto pôde e entregou ás chammas os melhores edificios.

Apesar de tão grandes perdas, sustentou-se a ilha em condições prosperas, continuando a ser deposito de escravos que, depois d'esses acontecimentos e depois da ruina da companhia de Cacheu e Cabo Verde, eram remettidos para o Brasil.

No reinado de D. José I passou a colonia a ser encorporada nos proprios da coroa, por contrato com o donatario, que trocou o titulo que d'antes tinha pelo de conde de Lumiares, como já disse. Aconteceu isto em 1753, e nos fins d'esse mesmo anno foi a povoação da ilha elevada á categoria de cidade de Santo Antonio, e para lá transferida a capital da provincia, taes eram as condições de prosperidade e a importancia mercantil a que se elevára n'essa epocha.

De curta duração foi essa prosperidade, porque, além das dissensões intestinas havidas continuadamente até ao anno de 1799, estava-lhe reservado padecer n'esse anno maior infortunio, sendo accommettida pela esquadra de J. F. Landolph, que impoz aos moradores uma contribuição de 500 onças de oiro (7:300$000 réis aproximadamente). Seguiu-se em 1807 a guerra com os francezes; em 1809 isentaram-se os navios do Brasil da obrigação de vir áquella ilha, bem como á de S. Thomé; em 1811, a decadencia do commercio pela abolição da escravatura, que era o unico commercio d'aquellas ilhas; e assim vieram uma e outra a cair na extrema miseria, de que ha dez annos se começou a levantar a de S. Thomé, e de que ainda existe paralytica a do Principe.

Ficou, pois, esta ilha nos fins do seculo XVIII sem cultura de interesse, abandonadas as plantações e engenhos do assucar, e reduzidos os povoadores a cultivarem o milho, mandioca, legumes e frutas para refrescos dos navios; mas então iam estes ainda em grande numero, portuguezes, francezes, inglezes, hollandezes e hespanhoes, prover-se não só de mantimentos, mas da excellente agua que possue aquella ilha, sendo tão grande concurrencia devida ao trafico dos escravos que esses navios vinham buscar á costa.

Isto dava aos moradores um certo lucro com pouco trabalho, e de tal modo se habituaram á indolencia, que depois de 1811, e principalmente depois de 1834, a ilha empobreceu consideravelmente, e póde-se affirmar que só com os recursos dos seus proprios braços nada se deve esperar hoje de melhoramento e prosperidade para aquelle precioso torrão.

Os navios deixaram de affluir; os preços dos mantimentos baixaram pela falta de procura, e a povoação caiu em miseravel decadencia.

Entre desordens, rixas e parcialidades, historia quasi perpetua de toda a Africa portugueza, se desenvolveu aquella colonia, e pelo mesmo modo chegou a sua decadencia, que nem outra coisa se podéra esperar de uma povoação entregue ao poder absoluto de seus donatarios e vexada pelas depredações de estrangeiros.

Fôra depois de 1695 que a ilha começára a prosperar, quando D. Pedro II mandou estabelecer uma alfandega, edificar a fortaleza da Ponta da Mina, e para guarnição d'ella se enviou de Portugal uma companhia de infanteria, que era sustentada pela companhia de Cacheu e Cabo Verde, a qual tinha no Principe o deposito para o seu commercio com o Gabão.

Quando, por alvará de 15 de novembro de 1753, foi a capital da provincia (então capitania) transferida de S. Thomé para o Principe, pretextou-se ser esta ilha mais salubre e estar em melhores condições de prosperidade; mas parece que o verdadeiro motivo de transferencia foi cortar as desavenças e discordias que havia entre as auctoridades de S. Thomé, e se oppunham ao andamento da boa administração.

A unica povoação da ilha é a antiga cidade de Santo Antonio. A respeito d'ella expressa-se um viajante inglez, que n'ella esteve em 1854, do seguinte modo:

«A capital apresenta uma completa apparencia de desolação, e a maior parte das casas tem um aspecto de immundicia e pobreza, que parecem de certo a habitação de bichos e reptis. O porto é excellente, mas, ao entrar, de um lado as ruinas do forte de Sant'Anna, e do outro as da fortaleza da Ponta da Mina, não permittem esperar-se melhor cidade.»

É exaggerada esta descripção, mas, infelizmente, não é de todo o ponto falsa.

Ácerca das fortificações da ilha do Principe escrevia o sr. Lopes de Lima em 1842 o seguinte, no liv. 2.° dos seus *Ensaios sobre a estatistica das possessões portuguezas:*

«Foi só em 1695 que el-rei o sr. D. Pedro II mandou ao capitão general José Pereira Sodré, que alli se construisse a fortaleza de Santo Antonio na Ponta da Mina para proteger a nova alfandega, que n'esse mesmo anno mandou crear n'esta ilha, e os navios da companhia de Cacheu e Cabo Verde, a qual corria com a despeza da defensão d'este porto, onde havia constituido o emporio do seu trafico nos rios da costa visinha. Estava ainda esta fortificação por concluir, consistindo apenas em alguns parapeitos para fachina, quando os francezes a destruiram em 1706; foi depois reedificada á custa da companhia do modo que ainda hoje se conserva, uma milha a léste da cidade, na encosta de um monte na ponta do Sul do porto, junto á qual tem de passar forçosamente os navios que entram e saem. Consta de duas baterias: uma superior, chamada *bateria real*, que se eleva 200 pés sobre o nivel do mar, a qual apresenta para o lado da barra uma cortina semi-circular de alvenaria guarnecida com 18 peças de artilheria de bronze, de calibres 14, 13, 9 e 4; e *bateria do principe*, que fica inferior áquella, 50 pés acima do nivel da praia para o lado de oeste. É um rectangulo de pedra e cal de 120 palmos de comprido e 98 de largo, defendido por 9 peças de artilheria de ferro de calibres 12 e 6. A léste e mais junto á praia tem um reducto avançado, denominado a *praça baixa de Nossa Senhora*, guarnecido com 3 más peças de calibre 6; e para o lado de oeste outro, denominado a *bateria de S. João*, com 2 peças de ferro de calibre 6.

«Esta fortaleza da Ponta da Mina, no alto da qual, em uma eminencia dentro da bateria real, está situado o acanhado quartel da guarnição e o armazem da polvora (grande mas humido), é dominada por outra eminencia superior proxima ao paiol pelo lado de sudoeste, d'onde os francezes causaram grande damno á fortaleza, obrigando-a a render-se nas duas invasões de 1706 e 1709. Sobre este padrasto fez construir o governador Luiz Joaquim Lisboa em 1807 o reducto de Nossa Senhora da Nazareth, no qual collocou 2 peças de artilheria de calibre 6, sendo aliás as suas tres faces destinadas a cobrir com o fogo da sua mosquetaria todas as obras da praça que dominam. Este mesmo governador, além de reedificar a praça baixa de Nossa Senhora, que se achava demolida, fez no anno de 1808 fechar toda a fortaleza com uma trincheira pelo lado de terra, por onde não tinha defesa. Dos 34 canhões destinados a defender estas muralhas, ainda no anno de 1827 os mappas officiaes davam 27 montados e em bom estado; nos mappas de 1844 acho conter esta fortaleza 42 peças grandes e pequenas (penso que algumas se terão para lá recolhido de navios que as abandonaram), mas d'ellas só 12 em estado de serviço!

«Para completar a defesa do porto de Santo Antonio da ilha do Principe, mandou o governador João Manuel de Azambuja, em 1780, construir na ponta do Norte do dito porto a bateria de Sant'Anna, reducto de fórma oval, com parapeito á *barbéta*, com fosso e ponte levadiça, e a guarneceu com 6 peças de ferro de calibre 6 e 2 de calibre 12, para cruzarem o seu fogo com a artilheria da Ponta da Mina, que lhe está quasi fronteira ao sul. Segundo os mappas de 1827, todas estas 8 peças eram boas; mas os de 1844 dão a esta bateria 11 peças, de que só as 2 de calibre 12 estão em bom estado, e todas as outras incapazes.»

Depois d'esta descripção, sabendo-se que desde aquella epocha foram votadas a completo abandono aquellas duas fortificações, imagine-se o que ellas serão hoje. Do forte de Sant'Anna mal restam vestigios das paredes, e na fortaleza da Ponta da Mina, guardada actualmente por um destacamento de 3 soldados, pouco mais resta do que as muralhas a cair; a casa que servia de quartel chegou a total ruina, e está servindo de alojamento á bateria de artilheria, que forma a guarnição da ilha, uma casa terrea á beira-mar, nas peiores condições de salubridade; o paiol está inutil tambem, e peças ha 6 ou 8 em estado de servir, mas sem reparos, nem palamentas, nem utensilios, nem munições.

O porto d'esta ilha aberto ao commercio, e denominado *bahia de Santo Antonio*, é um braço de mar comprehendido entre a ponta da Mina, onde está a fortaleza arruinada, e a ponta do Capitão, que está do lado do norte. D'esta bahia damos a gravura que acompanha o artigo, e é cópia de um desenho tirado de uma das janellas da alfandega. Entre aquellas duas pontas ha distancia de quasi duas milhas; mas a ponta do Capitão está mais fóra. Em frente da fortaleza o porto não tem maior largura que tres quartos de milha. O braço de mar vae estreitando até chegar á praia, onde se encontra com a foz de dois rios que vem de cada um dos lados da cidade.

(Continúa) F. de Lencastre.

APONTAMENTOS PARA A VIDA

E TRAGICA MORTE DO INSIGNE POETA BRASILEIRO ANTONIO GONÇALVES DIAS

Antonio Gonçalves Dias, bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra; cavalleiro da ordem imperial da Rosa; professor de historia patria e de latinidade no collegio de D. Pedro II; primeiro official da secretaria de estado dos negocios estrangeiros; socio effectivo do instituto historico-geographico e ethnographico brasileiro, do conservatorio drama-

tico, da sociedade auxiliadora da industria nacional e da sociedade amante da instrucção, todas do Rio de Janeiro; socio honorario do gabinete portuguez de leitura da mesma cidade; socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa; do instituto de Coimbra; da sociedade geographica de Berlin, etc.; nasceu na cidade de Cachias, da provincia do Maranhão, imperio do Brasil, a 10 de agosto de 1823, e pereceu desgraçadamente em 3 de novembro de 1864, ao regressar de França para a sua patria a bordo da barca *Ville de Boulogne*, que naufragou nos baixos dos Astins, mui proximos da barra da cidade de S. Luiz, capital da referida provincia.

O sabio allemão dr. Ferdinand Wolf, dignissimo conservador da bibliotheca imperial de Vienna (cuja recente perda as letras deploram), publicando em 1863 o seu *Brésil Littéraire*, como que se lastima a pag. 177 de não achar ácerca de Gonçalves Dias no tomo I do *Diccionario bibliographico portuguez* mais que uma curta e descarnada noticia. Essa falta, que de certo existia, bem como algumas outras relativas a escriptores brasileiros, não foram intencionaes, nem por ellas me cabe censura. Commetti-as bem a meu pezar, explicando a causa que as originára, e pedindo para ellas desculpa, a pag. XX do referido tomo I. Já, como ahi digo, estava determinada e em começo a impressão d'elle, quando resolvi dar á obra maior amplidão, reunindo aos escriptores portuguezes os brasileiros nascidos depois da epocha da separação e independencia do imperio. Mas para isso havia apenas escassos e mingoados subsidios, que só affluiram em maior cópia depois da publicação do vol. II, e cresceram successiva e abundantemente, graças á zelosissima e tão prestadia quanto desinteressada cooperação de dois nossos patricios residentes no Rio de Janeiro [1], aos quaes sou devedor n'esta parte de favores sem medida.

Quanto a Gonçalves Dias, só depois do seu desastroso transito pude haver com que resarcir a falta. Era elle de seu natural encolhido e modesto, e esquivava-se sempre a dar noticias de si, posto que ás vezes as promettesse, mostrando ceder ás instancias que se lhe faziam a esse proposito. A mim mesmo as prometteu, encontrando-nos pessoalmente na sua ultima estada em Lisboa, por fins de 1863: e mais de uma vez me renovou a promessa, que a final não satisfez. O que sei, pois, a seu respeito devo-o na maior parte á efficaz intervenção d'aquelles bons amigos. São apontamentos authenticos, traçados expressamente por outro illustre maranhense, patricio e amigo do finado poeta, o sr. dr. Antonio Henriques Leal, já conhecido com vantagem na republica litteraria por seus valiosos escriptos. A elles me cingirei, conservando-lhes não só a substancia, mas ainda, quando é possivel, a propria phrase. Alguns poucos additamentos introduzi, comtudo, fructos da propria diligencia, ou havidos de outras informações egualmente genuinas.

Em Cachias viu a luz, como fica dito, o grande poeta; porém o seu nascimento não foi fructo de união legitima e sanctificada pelas bençãos da egreja. Teve por pae o negociante João Manuel Gonçalves Dias, nascido em Portugal, e por mãe a mestiça Vicencia Mendes Ferreira, que, sobrevivendo ao filho, ainda existe hoje, segundo creio. Destinado por seu pae á carreira commercial, apenas concluidos os primeiros rudimentos das letras, passou a servir de caixeiro na casa paterna. Taes foram, porém, a prompta intelligencia, as disposições para o estudo e as agudezas de espirito do menino, que o pae, demovido do primeiro intento, o entregou aos cuidados de um mestre de latim, tal como o havia na cidade: e, á vista do seu aproveitamento, determinou em 1837 trazel-o de Cachias para S. Luiz, e seguir com elle viagem d'ahi

1 Os srs. Joaquim & Manuel da Silva Mello Guimarães.

para Portugal, a fim de cursar os estudos na universidade de Coimbra. Não estavam ainda as academias e faculdades do Brasil no pé florescente em que hoje se acham, por virtude de reformas e melhoramentos posteriores. Mas vindo bastante doente, e aggravando-se-lhe a molestia em S. Luiz, teve o poeta de soffrer aquella *dor que não tem nome*, recebendo elle só os ultimos adeuses do pae, como melhor o diz nos seguintes versos, que annos depois dirigia a sua irmã:

«Escutei suas ultimas palavras
Repassado de dor!... Junto ao seu leito
De joelhos, em lagrimas banhado,
Recebi os seus ultimos suspiros:
E a luz funerea e triste, que lançavam
Seus olhos turvos ao partir da vida,
De pallido clarão cobriu meu rosto,
No meu amargo pranto reflectindo
O cançado porvir que me aguardava.»

Cantos, 2.ª ed., pag. 639.

Orphão e tristemente magoado, houve de voltar para Cachias, onde encontrou na madrasta as melhores disposições para cumprir a ultima vontade paterna: tanto assim, que no anno seguinte partiu effectivamente para Portugal.

Completou com muito applauso em Coimbra, no então denominado collegio das artes, os seus estudos de humanidades; e matriculou-se na faculdade de direito no anno lectivo de 1840 a 1841. Representando um papel brilhante entre os Bruschys, Couto-Monteiros e outros collegas do seu curso, póde applicar-se profundamente ao estudo da lingua materna nos bons classicos, e das litteraturas franceza, ingleza, italiana e latina nos proprios originaes, sendo que aprendeu com rapidez, e quasi sem mestre, o inglez e italiano.

Em 1844, tendo obtido o grau de bacharel, negocios de familia o levaram ao Gerez, conseguindo casar uma sua irmã, tambem bastarda. D'ahi regressou para o Maranhão no anno seguinte, indo exercer a profissão de advogado em Cachias, onde pouco se demorou. Ao cabo de seis mezes teve de retirar-se, ralado, segundo dizem, de desgostos, cuja causa, todavia, se não declara. Depois de curta demora em S. Luiz, partiu para a capital do imperio em 1846. Logo que ahi chegou deu á luz os seus *Primeiros cantos*. Seu nome como poeta era apenas conhecido dos leitores do *Trovador* de Coimbra, onde saíu a *Innocencia*, e dos do *Archivo*, jornal do Maranhão, no qual publicou tres ou quatro poesias. A apparição, pois, d'aquelle volume, que não denunciava um adolescente de esperanças, mas um poeta primoroso e esplendido, foi um acontecimento extraordinario e festejado no mundo litterario. Os jornaes de maior nome e mais bem escriptos não se limitaram a simples noticias commemorativas. Appareceram longos e enthusiasticos artigos, em que a admiração e o louvor rompiam de cada linha, não sem acanhamento do poeta, que foi sempre de uma singeleza e modestia quasi viciosas. Os applausos não se limitaram aos leitores brasileiros; transcenderam para logo o Oceano e acharam echo em Portugal. Mas de todos os elogios que então se lhe prodigalisaram nenhum o satisfez tanto, nem lhe inspirou tamanha gratidão, como o do sr. Alexandre Herculano, de quem era fervente admirador, e a quem deveu (como diz em 1857 no prologo dos seus *Cantos*) «a maior satisfação que tenho até hoje experimentado na minha vida litteraria».

A reputação do poeta estava feita.

Mas se a publicação dos *Primeiros cantos* lhe abriu desde logo praça entre os homens mais distinctos que escrevem na lingua de Camões, nem por isso lhe trouxe melhora na fortuna, vivendo no Rio em penuria durante quatro annos, pois mal chegava para

manter-se o mesquinho ordenado que recebia como professor de latim no lyceu de Nictheroy.

Em 1847 publicou um de seus dramas, a *Leonor de Mendonça*, que parece haver sido pensado e escripto com outros ainda em Coimbra: e no anno seguinte os *Segundos cantos e sextilhas de fr. Antão*. Darei a historia d'estas sextilhas, tal como nol-a conta o sr. dr. Henriques Leal:

«Apresentára Gonçalves Dias ao exame e critica do conservatorio dramatico do Rio outro seu drama, a *Beatriz Cenci*, sem o nome do auctor, e por letra estranha. Desfecharam os censores os mais desapiedados golpes contra o pobre escripto desapadrinhado, e o reprovaram, assacando-lhe principalmente *os erros crassos de linguagem*, e isto em um portuguez *de contrabando*. O poeta, que sabia e manejava a lingua como mestre, sentiu-se da affronta, e, jurando para si tomar vingança dos censores, compoz as *Sextilhas*, provando d'est'arte que, além de a escrever como Castilho e Herculano, quando queria tambem o fazia sem custo na linguagem particular e privativa de uma epocha determinada. Foi nobre o desforço, e a resposta cabal e categorica!»

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.



Alce ou grã-besta

Este quadrupede, que se vê figurado na gravura junta, pertence á familia dos ruminantes, e ao genero *cervus* (veado). É denominado pelos naturalistas *cervus alces*, e constitue, com varias especies apenas conhecidas no estado fossil, um sub-genero, do qual é typo.

O alce, a que tambem damos o nome de anta e grã-besta, é a maior especie que se conhece d'entre todas as do genero *cervus*. Eguala no tamanho o cavallo, e ás vezes chega a excedel-o. É dotado de grande força e de bastante ligeireza. Tem o pescoço curto e robusto, a cabeça grossa e alongada para a parte do focinho, e o beiço superior mais comprido que o dos veados. As pontas formam duas grandes laminas chatas, ovaes, e denteadas para a parte exterior, chegando a pesar 25 a 30 kilogrammas. As femeas são destituidas d'este ornato e ao mesmo tempo armas de defensa. Tem as pernas delgadas, a cauda pequena, e o corpo não é tão bem proporcionado e esbelto como o do veado, em razão da muita grossura e curteza do pescoço e elevação das espadoas, o que lhe é necessario para poder sustentar o enorme peso da armação. A côr do pello é parda, um pouco escura na parte superior do corpo, e mais clara na inferior.

Os alces habitam os paizes do norte dos dois continentes, onde procuram as selvas e logares pantanosos, por se temerem do calor, e quando este é mais forte passam horas inteiras mettidos nos rios ou lagos, apenas com a cabeça fóra d'agua.

Vivem em sociedade, andando em pequenas manadas. São mais communs na America e na Asia que na Europa, onde vão desapparecendo á maneira que n'estas regiões augmenta a população e se estende a agricultura.

Alimentam-se de hervas e raizes. Dizem que a sua carne é saborosa e muito nutritiva, e, se se der credito ao que os indios asseveram, nenhuma outra carne, sem exceptuar a de boi, é tão nutritiva como a do alce.

Os caçadores perseguem estes animaes não só para lhes comerem a carne, mas tambem para lhes aproveitarem a pelle, que é excellente para todas as obras em que se emprega o coiro, e as pontas, de que os torneiros e outros industriaes fazem lindos artefactos.

Depois do homem é o urso o maior inimigo dos alces. Se um urso os encontra em manada, não se atreve a investil-os, porque sabe que a aggressão seria repellida com firmeza e coragem, empregando aquelles quadrupedes toda a sua força e agilidade na defensa commum. Porém, se algum alce, vagando solitario, tem a infelicidade de encontrar-se com um urso, é de certo victima da ferocidade d'este, se acaso não póde achar salvação na fuga.

A femea pare pela primeira vez um filho, e depois de cada vez, no mez de maio, dois ou tres filhos. A vida regular d'estes quadrupedes é de dezoito a vinte annos. I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio